

## O Coração do Algarve

Ian Jeffrey

A fotografia pode ser uma espécie de jogo que mexe com as nossas expectativas. Veja-se o Algarve, por exemplo, principal que é o teatro de operações de Patrícia Almeida neste livro. Sabemos alguma coisa do Algarve por ouvir falar dele como um *locus classicus* de hedonismo contemporâneo. E vimos nos aeroportos anúncios de voos para Faro, o seu porto de chegada. Qualquer pessoa com curiosidade sobre a sociedade e cultura europeias e sobre a situação actual há-de querer saber que aspecto tem o Algarve, nem que seja só para testar preconceitos. Ei-lo então, e mais ou menos como seria de esperar: principalmente corpos jovens, azul de jeans, anúncios de néon e cenários pirosos, coçados e desbotados.

Não obstante, nem toda a gente estará interessada no Algarve *per se*, situado entre as montanhas e o Golfo de Cádiz. Mas tanto faz, já que *Portobello* é essencialmente sobre outra coisa: é, antes de mais, sobre a fotografia, com o seu vocabulário e sintaxe. É também um trabalho de imaginação, projectando um mundo alternativo em que muitas das coisas com que nos habituámos a contar aparecem de pernas para o ar.

O Algarve é contudo um bom ponto de partida, pois mesmo aos olhos de um observador comum aparece como uma espécie de zona experimental onde diferentes versões do futuro se encontram em vias de estudo. É exactamente o tipo de lugar onde esperamos comportamentos pouco habituais e onde nos acontece suspender, por momentos, os nossos julgamentos. É rico em sintomas de cultura em estado de desequilíbrio; e é exactamente o género de lugar que teria sido procurado por fotógrafos japoneses por volta da década passada. *Portobello* tem qualquer coisa de japonês, ainda que sem alguma da sua informalidade. Os japoneses, sobretudo os que a aventureira Little More tem publicado, especializaram-se em paraísos tropicais à beira do colapso: especialmente Okinawa e as Filipinas - sobrevoados, empobrecidos e garridos. A tendência, exemplificada em *Very Special Love*, de Omori Katsumi (1997) e em *Deep South*, de Nomura Keiko (1999), tem sido investigar aglomerados de bairros da lata e seus habitantes, que tentam fazer o melhor que podem das condições que têm.

Patrícia Almeida, ao contrário, é mais construtivista - e tem um fraco pela organização. Faz comparações e demonstra significados. A natureza, por exemplo, aparece em *Portobello* sob a forma de rochas residuais e árvores desfasadas, que sobrevivem ao longo das margens de um mundo colonizado. É também representada pelo oceano que mantém ali o tempo fora de cena ou como pano de fundo apenas. A Natureza, como tantas vezes acontece, faz companhia à Cultura - neste caso em versão especialmente frágil feita de engodos de néon e estrelas autocolantes. Em testemunhos japoneses sobre os paraísos improvisados do Sudeste Asiático, o ênfase vai para os materiais, para tudo o que possa ser possuído, comido ou fumado. Os placards publicitários de lá enferrujam e apodrecem, enquanto os de *Portobello*, aplicados à pressa, apenas se desgastam.

A natureza aparece menos por ser omnipresente que pelo facto de trazer animação à cena. Tem potencial antropomórfico. O oceano, por exemplo, está sempre desperto, vigilante, mesmo durante a noite. Vire-se-lhe as costas e sabe-se lá o que pode acontecer. As rochas e as pedras que se encontram do lado de fora do perímetro delimitado por cercas podem parecer indiferentes aos trabalhos temporários que decorrem no interior. As pirâmides do Egipto, em tempos idos, são capazes de ter apelado à eternidade, mas as estrelas de papel de *Portobello* mal chegam a ver o fim à noite. Impossível de confiar no que quer que seja deste décor, e no entanto parece ser isso mesmo que faz existir o lugar.

*Portobello* é uma fábula, e as fábulas sempre se passaram em cenários bizarros: em florestas pontuadas por penhascos perigosos e habitadas por corvos, em grutas escuras onde se escondem dragões, e em belas paisagens, boas demais para serem verdadeiras. As fábulas também têm heróis, heroínas, guardiães, transeuntes, viajantes despreocupados e criaturas disfarçadas. Nestes contos, o viajante inocente escolhe o caminho errado ou bebe o elixir proibido - e as coisas começam a ir de mal a pior. O elenco de Patrícia Almeida, que à primeira vista é apenas um conjunto de retratos, podia muito bem aparecer numa destas fábulas de outros tempos.

A prática do retrato conheceu muitos tipos e fases na fotografia. Recentemente habituámo-nos às fotografias de corpo inteiro de adolescentes e jovens, em particular as de Rineke Dijkstra e Lise Sarfati. Um retrato de corpo inteiro tirado nos anos 1920, ou seja, na época dos uniformes, não tinha nada de extraordinário. O vestuário constituía uma parte fundamental da identidade de qualquer pessoa. Recentemente, porém, o corpo começou a ser

entendido de forma diferente - talvez em referência a algum esquema universal de beleza intimamente associado à câmara e à página impressa. As figuras fotografadas de pé, em contextos de prazer e semi-nudez, podem muitas vezes dar a impressão de estar num estado de incerteza, de fazerem pouca ideia de quem é dono de quem no esquema geral da atracção. Em *Portobello*, estas figuras têm um ar vulnerável, como heroínas trágicas em modo de espera.

As fábulas do género das que *Portobello* nos recorda recorrem sempre a uma selecção de personagens menores: porteiros e vigilantes, por exemplo, que tomam conta das coisas, oferecem conselhos e estão à vontade na situação - pois estariam à vontade em qualquer lugar. Há aqui bons exemplos destes personagens que se desviaram momentaneamente de uma tarefa ou da rotina para posar, por cortesia, o tempo necessário para assegurar uma fotografia. Basta tirar o cigarro da boca, sorrir, e a seguir retomar o que se estava a fazer. Em versões mais elaboradas deste tipo de fotografia, o sujeito fotografado assume uma posição favorita, relaxada e mesmo íntima, e segura um objecto que lhe é querido. Fotografias como estas encontram-se na obra de Diane Arbus - tal como em *Portobello*. Representam a vida de todos os dias.

As fábulas, para terem um mínimo de importância nas nossas vidas, precisam de um elenco de pessoas que abram as portas e mostrem o caminho. No centro dos acontecimentos, porém, tem que haver qualquer coisa verdadeiramente estranha - que nos aguça a atenção. Podem ser diabos em carne e osso; e neste aspecto os retratos masculinos de Patrícia Almeida não desiludem. Alguns dos homens que escolhe incluir exibem-se, franzindo o sobrolho e fazendo beicinho. Pelo menos em imaginação - na imaginação deles, melhor dizendo -, são homens de mulheres com classe e guerreiros duros, mas na fábula de *Portobello* pouco mais são do que figurantes.

Os seus homens-amostra aprenderam a comportar-se em frente à câmara a partir de formatos masculinos convencionais: principalmente futebolistas em papéis publicitários. São essencialmente figuras nebulosas que podem ser vistas através dos originais impressos. A fotografia sempre se interessou pelo hiato entre o original e a cópia, ou entre o que teria sido o interesse original e aquilo que vem posteriormente ao encontro dos nossos olhos. Na inspecção que faz desta escala, Patrícia Almeida constata que há de facto estrelas com um alto nível de originalidade. Paradoxalmente, encarnam a inautenticidade, pois são homens/mulheres.

Também aqui a fotógrafa, com o gosto que tem pela organização, prepara um esquema das coisas. Começa com pessoas que não fizeram mais do que disfarçar-se: homens de mulheres, mas com um andar desajeitado de homem pronto para a noite. Estas figuras abrutalhadas abrem o caminho às mulheres - um conjunto de valquírias irlandesas - que parecem agir como homens. Estas inversões simétricas familiarizam-nos com a ideia de mudança de papéis, e mesmo do mundo tornando-se um tudo nada fora de controle. À parte aparecem contudo homens que parecem ter alcançado um estado de feminilidade, mesmo que se trate de uma condição imaginada que pouco tem a ver com o feminino. Estas pessoas, ao que parece, não têm problema absolutamente nenhum com a câmara nem com a ideia de serem vistas, e constituem o mistério do coração de *Portobello*.

Christer Stromholm, maestro sueco dos anos 1960 e autor de *Friends of the Place Blanche*, foi o primeiro a especializar-se neste outro estado do ser, que atraiu igualmente Diane Arbus. Neste estranho conto do Algarve, todos os outros desempenham papéis subordinados, aspirando a ideais que nunca poderão alcançar enquanto futebolistas e atletas. Ou actuam em charadas - aquelas mulheres irlandesas, por exemplo, em vaqueiras lascivas. Tudo números encenados num contexto carnavalesco. As verdadeiras estrelas do espectáculo parecem no entanto conseguir viver os seus papéis em pleno, como se tivessem - elas e só elas - acesso ao modelo. São elas que dão forma ao elemento fabuloso, no âmbito do livro de Patrícia Almeida.